

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**VANESSA MATIAS**

**MÍDIA TELEVISIVA E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2011.**

**VANESSA MATIAS**

**MÍDIA TELEVISIVA E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Everson Ney Hüttner Castro

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2010.**

**VANESSA MATIAS**

**MÍDIA TELEVISIVA E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação.

Criciúma, 18 de Julho de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Everson Ney Hüttner Castro - Especialista - (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. Júlia Hélio Lino Clasen -Especialista - (UNESC)

Prof. Ricardo Luiz de Bitencourt - Doutor - (UNESC)

**Dedico este trabalho aos meus pais, Maria Helena, Antônio e Ilson meu marido que me incentivaram muito nesta trajetória nunca deixando que eu desanimasse nos obstáculos encontrados no caminho.**

## **AGRADECIMENTO**

Á Deus, por sempre estar presente em minha vida, me dando força, sabedoria e iluminando meu caminho. Á minha mãe Maria Helena, meu pai Antônio Pedro Matias, meus irmãos Kerlin e Ramon, que sempre me apoiaram de uma forma ou de outra, dando força para que a caminhada fosse contínua. Ao meu marido, Ilson e meu futuro filho, Davi que está vindo aí, pela compreensão e paciência devido a falta de atenção de minha parte, para que houvesse a efetivação do TCC. Ao meu orientador, Prof. Everson Ney Hüttner Castro, por sua preocupação e dedicação, se empenhando ao máximo, estando disposto sempre que precisei. As minhas verdadeiras amigas, Aline e Ana Carla, que, juntas nos apoiamos umas as outras, para que nós almejássemos o sucesso juntas.

**“As crianças são como esponjas em sua capacidade para absorver o conhecimento, exatamente desde o momento do nascimento. Com a experiência limitada, elas se baseiam nos modelos para aprender a agir no mundo.”**

**Capiotti**

## RESUMO

O presente trabalho discute a ótica dos pais sobre a influência da mídia televisiva na sexualidade das crianças de cinco anos, no município de Criciúma. Teve-se como intencionalidade analisar a relação que os pais de crianças de cinco anos estabelecem entre mídia televisiva e desenvolvimento da sexualidade. Realizou-se o levantamento de dados em duas escolas de Criciúma, sendo uma da rede pública municipal e outra da rede privada, envolvendo-se um total de quatro pais. A investigação caracterizou-se pela abordagem qualitativa e descritiva, utilizando-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada. Percebeu-se, por meio dos dados coletados que os pais apresentam dificuldades para conceituar e discutir a sexualidade com seus filhos, mas percebem a influência da mídia televisiva no desenvolvimento da sexualidade infantil sem, contudo, conseguir caracterizar adequadamente a forma como essa influência se manifesta no comportamento, confundindo-o, muitas vezes, com a questão da violência. Destaca-se a preocupação dos pais com relação ao que os filhos assistem na mídia televisiva, em função de sua possível influência, sobre a sexualidade infantil, aproximando-se das ideias defendidas por Capiotti (2006), Postman (1999), BRASIL (2000). Aconselha-se aos pais a realização de estudos mais sistemáticos sobre a sexualidade infantil e, à escola, que organize palestras sobre a temática, pois, quanto mais compreensão temos de um dado assunto, melhor podemos intervir sobre ele, evitando as surpresas do inesperado.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Mídia. Relação pais e filhos.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TV – Televisão

VT – vídeoteipe

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

PMC – Prefeitura Municipal de Criciúma



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 MÍDIA E TELEVISÃO: Aproximações teóricas .....</b>	<b>12</b>
<b>3 INFÂNCIA E SEXUALIDADE: Uma construção histórica .....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 Sexualidade e desenvolvimento sexual .....</b>	<b>19</b>
<b>4 MASSIFICAÇÃO CULTURAL E MÍDIA TELEVISIVA.....</b>	<b>25</b>
<b>5 MÍDIA E SEXUALIDADE INFANTIL: Possíveis intervenções na escola.....</b>	<b>29</b>
<b>6 METODOLOGIA .....</b>	<b>34</b>
<b>7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>36</b>
<b>7.1 Percepção a cerca do comportamento da criança.....</b>	<b>36</b>
<b>7.2 Entendimento de mídia .....</b>	<b>37</b>
<b>7.3 O conceito de televisão .....</b>	<b>37</b>
<b>7.4 Administrando os acessos aos programas .....</b>	<b>38</b>
<b>7.5 Comportamento infantil e televisão.....</b>	<b>39</b>
<b>7.6 Definição de sexualidade.....</b>	<b>39</b>
<b>7.7 Sexualidade e comportamento dos filhos.....</b>	<b>40</b>
<b>7.8 Sexualidade infantil e mídia televisiva .....</b>	<b>40</b>
<b>7.9 Sexualidade no cotidiano familiar .....</b>	<b>41</b>
<b>7.10 Mídia televisiva, sexualidade e escola.....</b>	<b>42</b>
<b>8 CONCLUSÃO .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, vivenciamos constantemente transformações tecnológicas que alteram, direta ou indiretamente, os conhecimentos historicamente produzidos socialmente. A busca do homem por uma melhor qualidade de vida faz com que informações envolvendo o fascinante mundo das imagens, cada vez mais, façam parte do nosso cotidiano.

Para que as informações apresentadas pela mídia não se tornem prejudiciais ao desenvolvimento da infância, é necessário que a família esteja mais presente e atenta, ou seja, orientando os filhos do que podem ou não assistir e por quê.

O tema de pesquisa “Mídia e Sexualidade na Educação Infantil” surgiu quando eu estava na quarta fase do Curso de Pedagogia, momento em que tinha pouca experiência, mas já trabalhava na Educação Infantil. Tinha 16 crianças entre quatro e cinco anos de idade sob a minha responsabilidade, o que me permitiu observar como a sexualidade está presente no comportamento infantil, expressando-se por meio de brincadeiras. Entretanto, essas brincadeiras refletiam o que viam em algum programa televisivo não apropriado para a sua idade, erotizando precocemente seu desenvolvimento.

O curso de Pedagogia proporcionou, a partir da quarta fase, estudos sobre a sexualidade, infância e diferentes tecnologias, oportunizando-nos maior esclarecimento sobre dúvidas e inquietações que nos cercavam. Entretanto, as dúvidas e inquietações não se esgotaram, visto que os meios de comunicação, muitas vezes, nos bombardeiam com programas de baixa qualidade, envolvendo músicas erotizantes e danças vulgares apresentados sem distinção de horário em nome da liberdade de imprensa, exigindo que a família e os educadores estejam cada vez mais presentes e atentos ao desenvolvimento das crianças.

Tendo como foco essa problemática, analisou-se as pesquisas produzidas em função dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) junto ao Departamento de Pedagogia, identificando-se três produções que enfocam a temática em pauta. São eles: MARTGNAGO, Karen Cristine. **Mídia televisiva e educação**: Algumas reflexões, 2007; OLIVEIRA, Priscila Scheineder de. **Infância e cultura**: A mídia televisiva na vida de crianças, 2009. DUARTE, Carolina Matias. **Sexualidade na Escola**: Mediação do professor, 2009. Contudo, nenhum desses

trabalhos envolveu a percepção dos pais quanto à influência da mídia televisiva no desenvolvimento da sexualidade das crianças de cinco anos, o que dá originalidade ao estudo proposto.

Partindo-se dessas observações, elaborou-se o problema a ser investigado: Que relações os pais de crianças de cinco anos, matriculadas na rede pública e privada de educação infantil de Criciúma, estabelecem entre mídia televisiva e desenvolvimento da sexualidade infantil?

Como objetivo geral propôs-se analisar a relação que os pais de crianças de cinco anos, matriculadas na rede pública e privada de educação infantil de Criciúma, estabelecem entre mídia televisiva e desenvolvimento da sexualidade.

Para melhor organização e desenvolvimento do estudo desdobrou-se o objetivo geral nos seguintes objetivos específicos:

- Analisar como os pais conceituam a sexualidade de seus/suas filhos/as;
- Levantar as dificuldades/facilidades que os pais encontram para conversar sobre sexualidade com seus filhos;
- Identificar o conceito de mídia televisiva dos pais;
- Perceber se os pais identificam os programas que seus filhos assistem na televisão (TV);
- Investigar se os pais estabelecem algum tipo de acordo para orientar o acesso da criança aos programas televisivos;
- Analisar se os pais percebem mudança no comportamento dos/as filhos/as devido a influencia da mídia televisiva;
- Observar se há diferença entre a posição dos pais da rede pública e os da rede privada de educação infantil de Criciúma;
- Apontar sugestões de trabalho para que a escola possa trabalhar a temática mídia televisiva e sexualidade com as crianças e com os pais.

Estruturou-se os objetivos de forma a operacionalizar as seguintes questões norteadoras:

- Como os pais conceituam sexualidade?
- Os pais encontram dificuldades para conversar com seus filhos sobre sexualidade?
- O que os pais entendem por mídia televisiva?

- Os pais conseguem elencar os programas que seus filhos assistem na TV?
- Os pais estabelecem algum tipo de acordo para orientar o acesso da criança aos programas televisivos?
- Os pais percebem relação entre a programação da televisão e o desenvolvimento da sexualidade de seu filho (o) ou (a)?
- Existe diferença entre a posição dos pais da rede pública e da rede privada de educação infantil de Criciúma?
- De que forma a escola pode inserir e trabalhar as temáticas mídia televisiva e sexualidade com as crianças e com os pais?

Para realizar-se a coleta de dados selecionou-se como campo de pesquisa duas escolas de educação infantil de Criciúma, uma da rede municipal e outra da rede particular. Envolveram-se, para o levantamento de dados, quatro pais com filhos de cinco anos matriculados nessas duas redes de ensino, a fim de confrontar dados de diferentes realidades e, assim, poder generalizar.

O trabalho se dará na linha de pesquisa Educação, Cultura e Ambiente, pois os estudos dessa linha estão voltados a compreensão do desenvolvimento humano, que visa a educação como processo de construção histórico-social.

A fundamentação teórica que embasou a análise de dados apresenta-se dividida em quatro capítulos: Mídia e Televisão: aproximações teóricas; Infância e Sexualidade: concepções; Massificação Cultural e Mídia Televisiva; Mídia Televisiva e Sexualidade Infantil: possíveis intervenções na escola. Na sequência apresenta-se a metodologia, a sistematização e análise dos dados, as conclusões e, por fim, as referências teóricas e os apêndices.

## **2 MÍDIA E TELEVISÃO: Aproximações teóricas**

Presenciam-se, atualmente, muitas mudanças tecnológicas e de comunicação. O fácil acesso das crianças ao mundo das informações e imagens é consequência da vida aflita do homem pela constante busca de novos processos para melhorar sua qualidade de vida.

Nesse contexto, ressalta-se a mídia sob o efeito evolucionário e, ao mesmo tempo, como propulsora de diferentes transformações que acontecem na sociedade de hoje.

Segundo Tahara (2004, apud MARTIGNANO, 20007, p.15) a mídia é “[...] uma palavra derivada do latim, que significa meio. No contexto atual, mídia pode indicar atividade de veicular informação [...]”

O dicionário Ediouro da Língua Portuguesa (XIMENES, 2000, p. 627) define mídia como “o conjunto total de meios de divulgação das mensagens publicitárias.” Segundo ele, esses meios possuem grandes poderes de formação na opinião pública.

Para o ministério da Educação e Cultura (SEED/MEC, 2008a) o termo mídia é usado para referenciar um amplo e complexo sistema de expressão de comunicação. Define, como tecnologia de mídia, todo recurso que gere comunicação, como cartas, papéis, jornais, revistas, caneta, telefone, gravação de áudio e discos, pronunciamentos, televisão, rádio, internet, CDS, DVDs, videocassetes, jogos de computador, etc.

Segundo o MEC (SEED/MEC, 2008b) dentre os diversos tipos de mídias, a televisão é hoje a que tem maior poder de inserção social. É um dos aparelhos eletrônicos de mais fácil acesso, devido a sua popularidade e ao baixo custo causado pela produção industrial em grande escala. Sendo a TV algo de fácil acesso para a população, a mesma avançou consideravelmente, se tornando, muitas vezes, uma das únicas fontes de informação da população, principalmente quando se trata de crianças de classe menos favorecida.

Tahara (2004) concorda com a posição do MEC (SEED/MEC, 2008b) de que a Mídia televisiva dá maior cobertura em amplas áreas da população geográfica, além de servir como meio de comunicação de maior acesso em todas as classes sociais. Segundo a autora, a mídia televisiva é, também, o meio que apresentou o maior crescimento na área publicitária brasileira dos últimos anos.

A televisão chegou no Brasil no ano de 1950, quando Assis Chateaubriand, que era proprietário de jornais, revistas e emissoras de rádio, realizou seu sonho de trazer um novo meio de comunicação para o Brasil. O feito exigiu muita pesquisa e aprendizagem, pois precisava-se aprender a operar esta nova tecnologia. (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 1998). No dia dezoito de setembro daquele ano, Chateaubriand inaugurou a TV TUPI de São Paulo, PRF-3 TV, canal 3. Os equipamentos necessários foram todos importados, pois o Brasil daquela época ainda não fabricava televisão. Motivo pelo qual Chateaubriand trouxe 200 aparelhos de TVs e os distribuiu nos melhores pontos de São Paulo. Entretanto, as primeiras pessoas que tiveram acesso a essa novidade, eram as que tinham maior poder aquisitivo.

De acordo com Valim; Costa; Fiordelisio (1998), a chegada da televisão começou fazendo sucesso, embora fosse de custo alto e oferecesse apenas imagens em preto e branco. Por isso, o maior problema foi manter a emissora em funcionamento com programas diários.

Em 1960 o videoteipe (VT) começa a ser utilizado. A partir desse momento, as propagandas começam a ser gravadas e não mais apresentadas ao vivo. É importante ressaltar que, em 1963, chega a TV colorida no Brasil, que é importada dos Estados Unidos, valorizando e dando mais vigor as imagens que, anteriormente, eram preto e branco.

A televisão e o rádio sempre dependeram do aval, ou seja, de uma aprovação do Estado para atuar no país. Nos anos entre 1964 e 1988 as exigências eram muito mais duras, sendo que, se não cumpridas, haveria cassação da mesma. (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 1998).

Entretanto, foi nesse mesmo período, em 1967, que o Governo Federal criou, integrada ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Fundação Centro Brasileira de TV Educativa (FUNTEVE), com o intuito de apoiar novas e diferentes emissoras de caráter educativo. (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 1998).

Conforme os autores citados em 1970 grande parte da população brasileira teve o privilégio de assistir a transmissão do jogo da Copa do Mundo ao vivo, direto do México. Apesar de que as imagens ainda eram, na sua maioria, em preto e branco, enquanto poucos assistiram à transmissão em aparelhos coloridos. Esse foi um ano de transformações e vitórias, momento em que, a mídia televisiva, cresceu consideravelmente.

No ano de 1980 houve o fechamento da TV TUPI. A mesma foi pioneira da televisão brasileira, mas foi a falência. A partir dessa data, inicia-se, também, a redemocratização da sociedade brasileira, que tem como consequência, dentre outras questões, o fim da censura nas telenovelas, filmes, telejornais e programas.

A mídia televisiva brasileira tornou-se testemunha da história, como na década de 1990, quando transmitiu acontecimentos marcantes da sociedade brasileira, como a eleição e posse de Fernando Collor de Mello, primeiro Presidente da República eleito pelo voto direto no país, assim como o seu impeachment.

Também na década de 1990, chega a televisão a cabo. O primeiro canal de televisão por assinatura no Brasil foi o canal Plus, que ofertou canais como: Showtime, TNT, ESPN, Supercanal, e CNN (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 1998).

Atualmente há a transmissão de dois sistemas de canais, os abertos e os fechados. Segundo Tahara (2004) a transmissão de canais abertos são aqueles de recepção gratuita, sendo a emissora com programações agrupadas e produzidas pela matriz que se situa no eixo Rio/São Paulo. Os programas de maior audiência produzidos no Brasil são novelas, jornais, programas de auditório e jogos de futebol.

Diferentemente do sinal aberto, o canal fechado precisa de assinatura e pagamento para efetivar o recebimento do sinal em casa. O sinal fechado aparece como alternativa às redes tradicionais, possuindo um número maior de canais para acesso e uma programação diferenciada para seus assinantes, incluindo programações de diferentes países. (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 1998).

Com o avanço da tecnologia surge, no século XXI, a TV digital, que se baseia na linguagem utilizada pelos computadores ao transmitir o sinal com base no sistema de informação do tipo binário.

Esse novo sistema de transmissão traz diversas vantagens, pois

- 1-Permite que ruídos e distorções sejam evitados e editados;
- 2-Permite que os computadores manipulem imagens para efeitos especiais;
- 3- Integra amostras de imagens capturadas por câmeras com imagens de animação e gráficos totalmente criados por programas de computadores (STRAUBHAAR; LAROSE, 2004, p. 104).

A TV aberta traz como vantagem o fato de ser gratuita, porém sua desvantagem é não oferecer variedades de canais e de programas como a TV por assinatura. Mas, mesmo assim, a TV aberta continua sendo, para a grande parte da população, sua principal fonte de informação. Importa ressaltar que, a mídia

televisiva, seja ela de transmissão aberta ou fechada, é algo preocupante, pois exerce uma forte influência sobre as pessoas, atingindo principalmente as crianças telespectadoras.

Segundo Capiotti (2006), a mídia televisiva exerce um papel de destaque na vida das crianças, uma vez que, em muitas famílias, a mesma faz parte do cotidiano e de seu desenvolvimento, influenciando nas decisões familiares e modificando suas relações e os papéis de seus membros.

Para essa autora, a invenção da mídia televisiva influencia em transformações que ocorreram com as famílias e as crianças, motivo que torna-se importante ressaltar a preocupação que se deve ter com relação aos conteúdos apresentados.

Rodrigues (2000 apud CAPIOTTI, 2006, p.39), fortalece “que existe uma preocupação quanto aos efeitos do conteúdo das mensagens dos comerciais sobre o comportamento das crianças”.

Capiotti (2006) coloca a importância do cuidado dos pais e educadores com a televisão e a infância, pois, se não dosada de modo ponderado, as crianças estarão expostas ao mundo das drogas, álcool e ao incentivo precoce da atividade sexual. Mas como realizar uma ponderação sem ter claro os conceitos de infância e sexualidade, motivo pelo qual necessita-se discorrer de forma mais aprofundada sobre o assunto.



### 3 INFÂNCIA E SEXUALIDADE: Uma construção histórica

A infância foi vista durante muito tempo como algo abstrato, pois a criança era vista como adulto em miniatura. Segundo Áries (1981), na sociedade medieval não existia o sentimento de infância, ou seja, não havia a consciência da particularidade infantil que distingue a criança do adulto. Muitas delas morriam por causa das condições precárias de saúde na época medieval, eram poucas as que sobreviviam e, por esse motivo, só passavam a existir para os adultos após atingirem certa idade.

No final da Idade Média começou a germinar lentamente o conceito de infância como decorrência de mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais. Uma das instituições que sofre grandes mudanças na passagem da Idade Média para a Idade Moderna é a escola, que passa a isolar as crianças durante um período de formação moral e intelectual. No entanto, só quem frequentava a escola eram algumas crianças que pertenciam à classe burguesa.

Os moralistas e educadores do século XII, herdeiros de uma tradição que remontava a Gerson, aos reformadores da universidade de Paris do século XV, aos fundadores dos colégios do fim da Idade Média, conseguiram impor seu sentimento grave de uma infância longa graças ao sucesso das instituições escolares e as práticas de educação que eles orientam e disciplinaram. Esses mesmos homens obcecados pela educação, encontram-se também na origem do sentimento moderno da infância e da escolaridade (ÁRIES, 1981, p. 123) .

Para Vygotsky (1996), a formação da criança se dá numa relação dialética entre sujeito e sociedade, ou seja, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. É na interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente que ocorre a chamada experiência pessoalmente significativa.

A partir dessa ideia pode-se afirmar que a concepção de criança é algo que está em permanente construção, ou seja, está sempre mudando de acordo com a sociedade. Assim, a concepção de infância que nos formou será diferente da que teremos com nossos filhos, assim como a infância rural é diferente da urbana.

A ideia de Infância, como se pode concluir, não existiu sempre e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na mesma medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na sociedade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto ("de adulto") assim que ultrapassava o período de alta mortalidade infantil, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para a atuação futura. (KRAMER, apud SANTA CATARINA 1998, p. 19)

Assim, na sociedade contemporânea, a criança passa a ser entendida como sujeito de direitos e em pleno desenvolvimento desde seu nascimento, um cidadão com lugar definido na sociedade.

Segundo Áries (1981), a concepção de criança varia de acordo com as modificações das formas de organização da sociedade, ou ainda, com a cultura em que ela é concebida. Por isso, percebemos que a construção da infância, historicamente, dependeu muito da construção de outros sujeitos, principalmente da mulher, quando ela sai para o mercado de trabalho, trazendo, assim, uma consequência: a de tornar coletivo o cuidado e a educação da criança pequena.

Entretanto, observando-se a história da educação da infância, percebe-se que, no início, a mesma não era objeto de educação, e sim de cuidados, ou seja, um objeto de assistência. Historicamente, a educação infantil ora era assistencialista, ora preparação para o futuro ou ambas, e nenhuma dessas propostas respeitavam as características individuais das crianças, que são diferentes umas das outras porque também vivem em diferentes ambientes, regiões ou países.

Conforme Vygotsky (1996), a criança não nasce em um mundo natural e sim humano. Começa sua vida em meio a objetos, a língua e a todos os fenômenos criados e recriados pelas gerações que a procederam. É por meio de constante interação com os adultos, que compartilham com ela seus modos de dizer, de fazer e de pensar as coisas, interagindo aos significados produzidos e acumulados historicamente, que as relações naturais de resposta aos estímulos do meio, herdados biologicamente, vão, aos poucos, sendo substituídos por processos culturalmente organizados, transformando-se em modos de ação, de relação e de representação caracteristicamente humanos.

Esses momentos também estão presentes no mundo adulto, possibilitando, na formação de cada criança, um cidadão com a sua autoestima valorizada e confiante.

Conforme Vygotsky (1996) cada criança é um ser que está em processo de aprendizagem e desenvolvimento. Portanto, a instituição de educação infantil necessita conhecer e participar de seu mundo, respeitando sua própria identidade sócio-cultural ao proporcionar situações que ampliem suas experiências pessoais e seu repertório cultural. Essas situações devem estar fundamentadas na perspectiva histórico-social de desenvolvimento humano, que envolve a relação entre pensamento e linguagem para a formação de conceitos cotidianos e científicos.

Segundo Ostetto (1992), a modernidade trouxe a ideia de infância como um período de suprema bondade, pureza de coração e inocência. Ao viver essa fase particular da infância, a criança será identificada pela sociedade em geral por meio das características de imaturidade, fragilidade, dependência, pureza, doçura e meiguice.

O sentimento de infância corresponde, portanto a particularidade de cada criança e de seu contexto. Percebe-se que, o conceito de infância que conhecemos atualmente, foi um processo construído ao longo da história da humanidade. Afinal, não é algo parado, estático, mas em constante evolução e transformação. Ostetto (1992) salienta que as características que definem a infância não são universais e nem absolutas, eles apenas representam a visão de um determinado tempo e uma determinada classe.

Conforme a autora, a infância, além de ser uma construção histórica, é também social. Nesse sentido, coloca que toda criança cresce e forma uma personalidade, vive num meio social, mas não de forma invariável. O crescimento e as características que uma criança assume dependem do meio social e da situação real vivenciada.

Assim como o entendimento de infância, o conceito de sexualidade também decorre de um processo sócio-cultural e histórico, sendo que, ambos os conceitos apresentam-se de forma imbricada, interdependente.

Conforme Áries (1981), na Idade Média as crianças eram tratadas sem nenhum pudor com relação à sexualidade. Durante seus três primeiros anos ninguém desaprova ou via algum mal em tocar por brincadeira suas genitálias. Havia uma prática familiar de agregar as crianças às brincadeiras sexuais dos adultos e isso fazia parte dos costumes da época, por isso, não chocava as pessoas.

Os adultos não se privavam de nada perante as crianças, sendo importante destacar que as linguagens eram brutas e impróprias. Muitas vezes, as crianças presenciavam o ato sexual, elas viam e ouviam tudo que se passava no mundo adulto (ARIES, 1981).

Somente no final do século XVI percebe-se uma grande mudança na relação infância e sexualidade. É nessa época que começa a separação do mundo adulto do mundo infantil (URBIM, 2009).

Segundo Postman (1999), essa separação do mundo adulto e do infantil foi marcada pelo surgimento da literatura infantil. O mundo letrado criou culturas

diferenciadas para adultos e crianças, criando assuntos de gente grande e pequena. No entanto, com a chegada da televisão, houve a união da família toda e a diferenciação entre os dois mundos, o adulto e o infantil, vão aos poucos desaparecendo. Ou seja, a autora aponta que os meios de comunicação vêm causando a expulsão da infância, depois de sua longa duração na sociedade ocidental, pela fusão do gosto e estilo de crianças e adultos.

Atualmente, não se vê na TV muita coisa que lembre uma canção infantil, as crianças são enfocadas pela mídia, mas são mostradas, aparecem como adultos em miniaturas, assim como nas pinturas dos séculos XIII e XIV (URBIM, 2009).

As crianças são apresentadas em programas televisivos como objetos eróticos, não diferindo significativamente dos interesses, linguagens, roupas, ou sexualidade dos adultos (POSTMAN, 1999).

Presume-se, então, que a mídia televisiva desempenha um papel essencial na formação da sexualidade infantil e que está a apagar as diferenças entre sexualidade infantil e adulta, conseqüentemente deixando a infância de lado. (POSTMAN, 1999).

Diante disso, destaca-se a importância e a essencialidade do papel que desempenha a mídia televisiva na formação da sexualidade infantil. Entretanto, o que ocorre nos dias de hoje, é que a TV está apagando o que há de mais bonito na infância, que é a inocência sem malícia, motivo pelo qual os pais devem estar atentos a programação por ela ofertada, agindo de modo criterioso e seletivo em prol da manutenção da infância no desenvolvimento da criança.

### **3.1 Sexualidade e desenvolvimento sexual**

O tema sexualidade ainda envolve muito tabu e preconceito, apesar da abertura que se tem para falar do assunto nos dias de hoje. Muitas escolas já tem debatido com pais e alunos essa temática que diz respeito a todos os seres humanos, sejam eles adultos ou crianças.

Os seres humanos e os animais, todos dependem da relação sexual para reprodução da espécie. Portanto, Suplicy (1991) coloca que existem pessoas tem relação apenas pelo prazer sexual, mas também há as que a fazem por prazer e troca de carícias, por demonstração de amor um com o outro.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000), a

sexualidade está relacionada com a busca do prazer, sendo uma necessidade do ser humano e envolve o desenvolvimento da vida psíquica das pessoas.

Segundo Ximenes (2000), sexo está relacionado ao conjunto das diferenças fisiológicas e físicas que diferem o macho da fêmea, concedendo-lhes assim, funções diferentes na preservação da espécie, enquanto que a sexualidade está voltada ao afeto e prazer, não podendo ser confundido com sexo, que se limita a parte biológica.

A Proposta Curricular de Santa Catarina destaca que a sexualidade não deve ser confundida com órgãos genitais e nem com atividade reprodutiva, que são situações restritas às características biológicas do ser humano enquanto espécie. (SANTA CATARINA, 1998).

A sexualidade está presente nos seres humanos, mas, diferentemente do sexo, envolve um contato maior e mais complexo entre as pessoas na construção da sua intimidade, definindo, ao mesmo tempo em que defini, o conceito de auto conhecimento e de valores com relação ao seu próprio corpo e ao corpo do outro.

Na sexualidade estão envolvidos comportamentos que expressam emoções, sensações e sentimentos que são constituídos durante a vida humana. Portanto, a sexualidade envolve uma construção histórica e cultural que a define, ou seja, a criança esta envolvida em um meio cultural onde estabelece relações e constitui valores que são aprendidos nesse meio social. Isso porque somente o ser humano atribui valores, dando sentido e significado aos relacionamentos sexuais, podendo torná-los amorosos e afetivos (SANTA CATARINA, 1998).

O sexo diz respeito a elementos anatômicos do corpo, enquanto a sexualidade se da por meio das experiências do ser humano, ou seja, a partir das “possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura” (BRASIL, 2000,p.118). Sendo assim, a sexualidade é vista de forma diferente de uma cultura para outra, sendo assim, nem sempre são respeitados os estágios de maturação constados pela ciência, ou seja, a cultura, de uma forma ou de outra, acaba influenciando no desenvolvimento da sexualidade nas diferentes sociedades ao longo da história.

Quanto aos estágios de desenvolvimento da sexualidade, encontra-se na psicanálise de Sigmund Freud uma das mais importantes contribuições para sua elaboração conceitual, já que foi a partir da visão psicanalítica sobre a vida sexual do ser humano que diferenciou sexo de sexualidade. Até então, o conceito de

sexualidade estreitava ao conceito de sexo no seu aspecto reprodutor e nas suas localizações anatômicas imediatas. A sexualidade era vista apenas de uma forma biológica.

Bee (2003) cita os cinco estágios psicosssexuais propostos por Freud para explicar a psique humana, que começam com o nascimento e se estendem até a adolescência, envolvendo diversas transformações nas características sexuais biológicas.

O primeiro estágio é o oral, que vai do nascimento até o primeiro ano de vida. Nesse estágio a boca, a língua e os lábios são os primeiros centros de prazer. O primeiro contato do bebê é com a mãe, que lhe proporciona prazer por meio dos seios na amamentação.

O segundo estágio é o anal, que vai entre o primeiro e o terceiro ano de idade. Neste estágio o centro do prazer encontra-se na região anal e os pais começam a frisar o controle dos esfíncteres, ou seja, a criança aprende a controlar seu xixi e suas fezes. Nesse momento, os pais mostram grande satisfação quando a criança consegue atingir o objetivo dessa fase.

O terceiro estágio, que vai dos três aos cinco anos, é o fálico. Nesse período, os órgãos genitais ficam sensíveis, sendo comum a sua manipulação e a masturbação. É nesta fase que ocorre o Complexo de Édipo, em que os meninos visualizam na mãe o objeto de prazer, tentando conquistá-la, motivo pelo qual veem o próprio pai como ameaça e, ao mesmo tempo, invejando-o. Freud acreditava que tais conflitos eram inconscientes e que o menino respondia aos mesmos com o desenvolvimento de um mecanismo de defesa chamado identificação, onde incorpora a imagem que tem do pai e tenta adequar seu comportamento a essa imagem para conquistar a mãe. O mesmo processo acontece com as meninas, denominando-se Complexo de Electra.

O quarto estágio é a latência, que acontece dos seis aos doze anos. Freud acreditava que, nesse período, existia um tempo de repouso antes da próxima mudança importante no desenvolvimento sexual infantil, a puberdade. Nessa fase, após a identificação com o genitor do mesmo sexo, os impulsos sexuais ficam adormecidos e a criança se dedica a realização de outras atividades, como a aprendizagem escolar.

O quinto e último estágio proposto por Freud é o genital. Esse estágio tem como principal característica as mudanças hormonais, que contribuem para uma

forma mais madura de apego sexual. Freud coloca que nem todas as pessoas desenvolvem o amor heterossexual maduro, já que algumas não tiveram o período oral e/ou anal satisfatório para estabelecer um alicerce para os relacionamentos amorosos básicos e, outras, não resolveram o Complexo de Édipo com uma identificação satisfatória frente ao genitor do mesmo sexo.

Segundo Bee (2003), Freud possibilitou dar um significado mais amplo para sexualidade por meio de seus estudos e pesquisas. De acordo com Werebe (1998), suas teorias foram de extrema importância, contribuindo para melhor conhecimento da sexualidade e esclarecendo questões que estão relacionadas a vida sexual, como a formação da identidade sexual, aspectos afetivos e conflituais da socialização da sexualidade e, em específico, o estabelecimento da opção sexual no desenvolvimento do ser humano.

A sexualidade faz parte constituinte da personalidade do ser humano. Dessa forma, é importante pensar a respeito do desenvolvimento da sexualidade, pois, se a mesma não acontecer de uma forma apropriada e equilibrada, poderá ocasionar alguns conflitos muitas vezes difíceis de serem trabalhados ao longo da vida da pessoa.

De acordo com Werebe (1998), cada pessoa nasce em um dado momento da história e em uma determinada cultura. Seus desejos, emoções e relações interpessoais são construídos conforme suas interações com a cultura dentro da sociedade em que vive. A autora salienta, ainda, que cada cultura determina as práticas sexuais que são apropriadas ou não, morais ou imorais, saudáveis ou pervertidas, legais ou ilegais e essas são independentes do desejo estabelecido ao longo da formação sexual do indivíduo.

Partindo desse pressuposto, percebe-se, com frequência, que são estabelecidas regras diferentes para os dois sexos, ocorrendo comumente restrições mais específicas para o sexo feminino.

A tomada de consciência da diferenciação sexual começa quando a criança constata a diferença entre os órgãos genitais dos dois sexos e começa a concentrar sua sensibilidade erótica sobre estes órgãos. A educação, as influências familiares e do meio em que vive vai indicar para a criança os papéis socialmente aprovados para cada um dos sexos. Geralmente a criança, diferencia os sexos – a começar pelo pai e pela mãe – pelas funções e papéis que estes desempenham. (WEREBE, 1998, p.27)

A partir do momento que a criança começa perceber diferença nos órgãos genitais, elas passam a observar as falas e comportamentos de adultos em sua

volta, é nessa fase que a criança começa a diferenciar o menino da menina, do que podem ou não brincar, ex: quais cor de roupa usar para meninas e para meninos? Ou, quais brinquedos são para meninas e quais para os meninos? Tais diferenças, impostas às crianças desde muito cedo, são consequências das influências do meio social em que a criança vive.

Essa diferença física e cultural entre os gêneros feminino e masculino tem sido utilizada para explicar as especificidades das necessidades e desejos sexuais, havendo o domínio masculino sobre as mulheres. Entretanto, a diferenciação entre ambos os sexos não é simplesmente resultado de uma distinção biológica, nem resultado de um fenômeno social, mas é, na verdade, construída pela interação desses dois fatores dentro de uma determinada cultura (WEREBE, 1998).

Com esse entendimento de sexualidade, percebe-se que a mesma vem de uma construção histórica e cultural e, nesse sentido, a mídia televisiva tem assumido um papel marcante na vida das crianças. Conforme Brasil (2000), a TV veicula propaganda, filmes e novelas fortemente erotizados, gerando, assim, inquietação e aumento da ansiedade relacionada às curiosidades e fantasias sexuais das mesmas.

As crianças são fortemente vulneráveis às influências do meio e, quando ficam expostas sem controle a uma diversidade de imagens, informações e estímulos apresentados pela mídia televisiva, as fases psicosssexuais elaboradas por Freud passam a sofrer graves alterações, principalmente a fase de latência, que era para ser um período de calma na vida da criança. Nesse período, que vai dos seis aos doze anos de idade, muitas crianças já estão com sua sexualidade bem aflorada. Muitos canais de TV mostram programas que não estão de acordo para as idades dos telespectadores, tratando a criança como um adulto em miniatura e objeto de consumo por meio da erotização de seu comportamento, sem indicar a faixa etária a que se destina.

A palavra erotização, segundo Ximenes (2000), se refere a sensualidade e esta, por sua vez, está relacionada a estímulos (ações, imagens, obra, etc.) que orientam o despertar para o desejo sexual.

De acordo com Postman (1999), a mídia televisiva estimula a população a se manter, independente de idade, num grande estado de excitação sexual e, também, num obscuro e profundo mistério adulto. O sexo é transformado em produto acessível para todos. Estas são algumas questões que fazem com que a



sexualidade infantil tenha seu processo natural de desenvolvimento rompido, acelerando o mesmo. Percebe-se muito forte na criança a influência da televisão nas atitudes e comportamentos imitados pela mesma.

As crianças são como esponjas em sua capacidade para absorver o conhecimento, exatamente desde o momento do nascimento. Com a experiência limitada, elas se baseiam nos modelos para aprender a agir no mundo. (CAPIOTTI, 2006, p.39)

Desde o surgimento do ser humano as crianças aprenderam valores e habilidades por meio da observação do comportamento de outras pessoas e não seria diferente, portanto, o processo ocasionado em contato diretamente com a TV.

Em meio a tantas questões surge a necessidade de se trabalhar a educação sexual na família e nas escolas. Segundo Brasil (2000), toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, a relação com os filhos, os tipos de cuidados recomendados, as expressões, gestos e proibições que estabelecem são carregados de valores associados à sexualidade que a criança aprende. Portanto, é no ambiente familiar que a mesma recebe noções iniciais, a partir das quais construirá sua sexualidade.

#### **4 MASSIFICAÇÃO CULTURAL E MÍDIA TELEVISIVA**

A tarefa de educar ao longo das gerações tem tido contextos e sentidos diferenciados, cada época é formada por gerações de um povo, a historicidade de cada grupo, os contextos que se desvelam a cada fato acontecido e tudo isso faz com que o conceito de educação evolua, se modifique para dar valor a realidade daquele momento.

Vivemos atualmente em uma sociedade politicamente organizada, com regras estabelecidas a partir da ótica capitalista, onde o consumismo e o individualismo favorecem a aquisição de bens, lucros e dívidas, assim como a exploração dos menos favorecidos por meio da opressão social, transformando-os em escravos do século XXI (SANTA CATARINA, 2005).

Giddens (2001), nos aponta que, com o advento do capitalismo e da mídia televisiva, o conhecimento passou a ser retido, reproduzido e consumido por mais pessoas e em mais lugares. Portanto, não se pode sistematizar as formas de ensino como a vinte anos atrás, pois o contexto de vida mudou, as relações que as crianças tem com o ambiente são outras, e, para isso, é necessário rever os princípios que movem a sociedade e tentar entendê-los, para, assim, acompanhar a evolução de uma forma crítica.

Conforme o autor, as novas tecnologias e a economia do conhecimento estão a mudar a nossa compreensão da educação e do ensino: a educação formal está a dar lugar para a informal, que se dá ao longo da vida toda. Por isso a importância do educador e da equipe pedagógica ao orientar e educar as crianças e os pais sobre as questões emergentes da realidade, como as consequências da mídia e sua relação com a sexualidade.

No entanto, precisamos analisar a sociedade posta para nós hoje, devemos estar atentos a cada nova transformação, a cada pensamento alienador que o ambiente condiciona na mente da maioria das pessoas de forma massificada.

Conforme Giddens (2001), os programas de mídia são frequentemente associados apenas ao entretenimento e, como tal, são considerados como marginais para a vida da maioria das pessoas, por isso a importância de desenvolver-se uma visão mais crítica perante as comunicações de massa presentes no dia-a-dia da sociedade.

Outro fator que não se pode deixar de pensar é o alcance da mídia televisiva existente na nossa sociedade, e, portanto, a sua grande influência nos lares de tantos cidadãos desse país, independentemente de classe social. Por isso, devemos considerar o objeto TV como meio propagador de alienação e as emissoras como transmissoras da “falsa cultura” por meio de programas que expressam uma falsa ideia de democracia, dando a população uma impressão de que estão se aproximando da elite em função da universalização de uma linguagem e de hábitos de consumo. (GIDDENS, 2001). Percebe-se esse fato pela valorização da linguagem popular, da imagem da favela, da violência e de tantos outros elementos da classe popular na mídia televisiva, dando a impressão de que os famosos e, portanto, a elite, desceu aos seus padrões de consumo e de vida dos trabalhadores, democratizando a sociedade.

Diante de tantos problemas relacionados à mídia, destaca-se, com base em Giddens (2001), a influência crescente da televisão como, provavelmente, o fator mais importante no desenvolvimento dos meios de comunicação dos últimos quarenta anos, pois, caso se mantenham as tendências atuais de ver televisão, cada criança nascida hoje, quando chegar a idade dos dezoito anos, terá passado mais tempo a ver televisão do que realizando qualquer outra atividade, com exceção de dormir.

Outra questão é o fato de que essas crianças se tornarem vítimas da mídia, onde a mesma vai exercer, durante estes dezoito anos, uma função manipuladora, uma vez que ela ilude, manipula e convence as pessoas, levando-as a não ter controle de suas decisões, transformando aquela atitude que deveria ser pessoal, prática e consciente em senso comum. Afinal, quanto menos a sociedade pensar e questionar em relação a organização social, melhor para a manutenção do sistema de exploração capitalista. Nesse sentido, a mídia televisiva tem exercido o papel de influenciar nas reflexões das nossas atitudes, mostrando cenas em programas de auditório, novelas e desenhos animados, que incutem a ideia de que tudo é fácil de se resolver, seja trapaceando ou simplesmente ignorando determinado problema.

Segundo Giddens (2001), a mídia televisiva não proporciona só entretenimento, mas fornece e molda muita informação sobre a qual nós agimos na nossa vida cotidiana.

A televisão alcança milhões de pessoas todos os dias, crianças, jovens, adultos, idosos apresentando-lhes produtos e situações que prometem preencher aquele vazio deixado pela inoperância e sentimento de fracasso social, impedindo-os de construir conhecimentos que favoreçam o questionamento e a transformação das relações sociais predatórias e consumistas. Torna-se, portanto, necessário perceber como a criança é manipulada por meio de comerciais de brinquedos e produtos de consumo expostos na TV, gerando cada vez mais o consumismo e alienação.

Conforme Giddens (2001), como indivíduos, não controlamos as alterações tecnológicas e o ritmo acelerado dessas alterações ameaça engolir as nossas vidas, por isso, as pessoas manipuladas passam a ser vistas pela mídia como simples reprodutoras de meras transmissões de informações, que, quando absorvidas pelo telespectador, o faz agir, vestir, falar e pensar desse mesmo modo.

No entanto, a mídia tem que ser enfrentada. É imperioso que se fique atento aos meios de comunicação, pois esses, na sua maioria, não tem responsabilidade social e ética para com a maioria da população, sendo necessário se proteger contra as más informações veiculadas.

Precisa-se colocar em prática o conhecimento que leve a autonomia de pensamento socialmente comprometido com a maioria e esse deve ser carregado de intencionalidades claras e objetivas, com seriedade e compromisso ético social, alertando os caminhos, e suas consequências, para que telespectadores possam ser educados com mais criticidade e menos submissos a este objeto chamado mídia televisiva.

Giddens (2001) reforça que a comunicação emocional – ou melhor, a criação ativa e sustentada das relações interpessoais – tornou-se uma parte central das nossas vidas no domínio pessoal e familiar. Partindo deste pressuposto, os pais tem um papel decisivo na formação do aluno. O professor vai mediar as informações, sendo que os pais, juntamente com a escola, irão efetivar o trabalho em casa, fazendo com que seus filhos possam ter acesso a transmissões adequadas a sua idade e explicando a eles o por que não podem ter acesso a programas de natureza adulta, jamais deixando as crianças sem uma resposta elaborada. Por isso, para que a escola consiga trabalhar de forma mais efetiva a mídia televisiva, deve incorporar os pais no planejamento de suas atividades pedagógicas relacionadas a temática em pauta.

Enquanto continuarmos sendo passivos frente a mídia televisiva, a mesma não dará espaço para crescermos valorizando a mudança, a transformação e ajudando as futuras pessoas que virão para constituírem parte de nosso mundo, a se tornarem pessoas mais orientadas, no sentido em que não poderão ser manipulados por falsas culturas que levam ao favorecimento de uma minoria social.

## **5 MÍDIA E SEXUALIDADE INFANTIL: Possíveis intervenções na escola**

Partindo do conceito de sexualidade constituída contextualmente e do entendimento da relevância desta no desenvolvimento global do indivíduo, necessita-se apontar possibilidades de atuação nesse campo para os educadores.

O ambiente escolar é um lugar privilegiado para a realização da educação sexual formal e articulada, já que as crianças passam um tempo significativo no mesmo, enquanto outros agentes de educação sexual, como internet e mídia televisiva, oferecem diariamente educação, mas não estruturada (RAMIRO; MATOS 2008).

Brasil (2000) trata a educação sexual como orientação sexual na escola. Nesse documento, surge que a discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade nos currículos escolares se intensificou a partir da década de 1970, por ser considerada de suma importância na formação do indivíduo como um todo. Os documentos salientam, ainda, que, em meados dos anos de 1980, a necessidade de trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou, por causa da preocupação dos educadores em relação ao crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e do risco da contaminação do HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) entre os jovens.

Conforme Ramiro; Matos (2008), a educação sexual é obrigatória em todo o período de ensino básico desde 1986. Ao se trabalhar a educação sexual no ambiente escolar deve constituir-se em um processo formal e sistematizado, exigindo planejamento e proposição de intervenção por parte dos profissionais da educação (BRASIL, 2000).

No entanto, nem todas as escolas cumpriram com a diretiva ministerial devido a falta de professores com formação específica ou inexistência de um quadro conceitual de educação sexual. Mesmo após a publicação de um quadro conceitual por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 2000, poucas escolas se envolveram com a temática (RAMIRO; MATOS, 2008).

Diante de tantos problemas relacionados à educação sexual, destaca-se, com base Urbim (2009), a falta de profissionais capacitadas nas escolas para lidarem com esse assunto. A escola não está conseguindo competir com a TV, pois faltam atrativos, e esse aspecto aquela tem de sobra. Como consequência desse despreparo, não só parte da escola, mas também dos pais, que muitas vezes

depositam na televisão a função de babá, as crianças estão deixando de ser crianças mais cedo, comprometendo a infância e a formação da sexualidade.

O papel dos educadores nessa caminhada rumo ao conhecimento da sexualidade de seus alunos, envolve antes de tudo, o conhecimento de si mesmo, enquanto ser humano, que tem um corpo que dá e busca prazer, tem experiências, expressa comportamentos, sentimentos e valores, e suas atitudes são significativas, já que as crianças se espelham muito no mundo adulto.

Destaca-se também a importância dos educadores saberem respeitar as manifestações de curiosidades das crianças com relação a sexualidade e também de descobertas do próprio corpo e do corpo do outro, estes aspectos fazem parte do desenvolvimento da aprendizagem e da sexualidade infantil. (SANTA CATARINA, 1998). Os PCNs alertam que deve-se satisfazer essas curiosidades, contribuindo, assim, para que o desejo de saber seja estimulado ao longo da vida, ao contrário da não-satisfação, que gera ansiedade e tensão. (BRASIL, 2000). Ao oferecer um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, a escola contribui para o alívio das ansiedades, que, muitas vezes, interferem na capacidade de aprendizagem escolar dos alunos.

Conforme Santa Catarina (1998), os jogos, as brincadeiras, a imitação, a representação, o teatro, a dança, a música e as artes plásticas de um modo geral são de grande valia para se trabalhar a temática sexualidade com as crianças. Essa forma de trabalho desinibe a criança, deixando que ela avance no sentido de superação de suas curiosidades e, com isso, manifeste novos interesses pelo assunto. Constata-se, então, que a sexualidade deve ser trabalhada na escola desde a educação infantil até os últimos anos do período escolar. Para que isso se torne concreto, a escola precisa de planejamento, pois para cada faixa etária exige formas diferentes de trabalho. Entretanto, nunca perdendo o foco, que é fazer um trabalho de forma qualitativa para o desenvolvimento da sexualidade da criança, desde a sua tenra idade.

A criança e o adolescente, ao chegar na escola, trazem consigo um certo conhecimento a respeito das temáticas que norteiam a sexualidade. Cabe ao professor aperfeiçoar este conhecimento, criando possibilidades de formar opiniões por meio de diálogos e informações atualizadas do ponto de vista científico (BRASIL, 2000).

Santa Catarina (1998) reforça que o professor tem papel fundamental, que é ser mediador entre o conhecimento que a criança possui e os conhecimentos elaborados. Pressupõe-se, então que seja importante a superação de tabus, preconceitos e crendices, por serem carregados de uma visão em que a sexualidade e o prazer são vistos com desconfiança e como fontes do mal e do pecado. Essa superação deve ser viabilizada pelo confronto dessas posições com os conceitos científicos relacionados a temática. Os PCNs reforçam que a orientação sexual oferecida pela escola deva abordar as repercussões de todas as mensagens que são transmitidas pela família, pela sociedade, pela mídia e, em particular, pela mídia televisiva, que exerce influência na vida das crianças e dos jovens de forma avassaladora. (BRASIL, 2000). Faz-se necessário mencionar, ainda, que compete, principalmente à escola, incentivar o desenvolvimento de um olhar crítico e questionar dos alunos perante tantas coisas que lhes são oferecidas e expostas pela TV, trazendo sua programação para a discussão planejada em sala de aula.

De acordo com os PCNs, é importante inserir nos currículos escolares a orientação sexual como tema transversal, dessa forma, a mesma pode perpassar por todas as disciplinas, não se restringir somente à algumas áreas do conhecimento. Essa temática deve ser, também, parte integrante do Projeto Político Pedagógico das escolas (BRASIL, 2000). Nesse sentido, Santa Catarina (1998) propõe os temas multidisciplinares, apontando que a sexualidade e mídia televisiva sejam abordadas em uma perspectiva interdisciplinar no currículo escolar. Dessa forma os educadores trariam a mídia televisiva para dentro da sala de aula, problematizando-a e discutindo-a e possibilitando a reflexão coletiva dos processos de elaboração cultural da sexualidade.

Outra questão muito importante que os PCNs trazem é a relação escola e família. A escola deverá informar a família dos alunos a respeito da inserção de conteúdos de orientação sexual no currículo escolar, esclarecendo os princípios que nortearão esse trabalho. Portanto, se torna visível a importância dessa parceria da escola com a família, pois a orientação sexual escolar é um complemento da educação dada pelos pais em casa. (BRASIL, 2000).

Os conteúdos de orientação sexual devem ser maleáveis, com o objetivo de atender as necessidades específicas de cada turma em um dado momento. A partir desse pressuposto, deve-se incentivar programas de orientação sexual diversificados, que podem incluir temas como pornografia, prostituição, abuso



sexual, métodos contraceptivos, desejo sexual, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros. (BRASIL, 2000).

De acordo com Werebe (1998), a educação sexual tem o dever de oferecer para os alunos subsídios para que eles possam conhecer o seu próprio corpo como um corpo sexuado, conhecer o seu desenvolvimento psicosssexual e suas diferentes fases, compreender as questões relacionadas a feminilidade e masculinidade, aceitar a igualdade de direitos independente de sexo, etnia e nacionalidade, conhecer o desenvolvimento da identidade sexual, tomar decisões próprias a respeito da vida sexual e adotar comportamentos responsáveis com relação a saúde sexual. Segundo a autora, é importante discutir a respeito das normas sexuais que regem nossa sociedade hoje. Nesse sentido a escola é uma instituição que precisa acompanhar as mudanças tecnológicas, experimentando novas linguagens que sensibilizem e estimulem os alunos, fazendo uso da pesquisa, de trabalhos envolvendo dramatização, entrevistas gravadas, uma reportagem para um jornal, construção de um vídeo, etc. (SEED/MEC, 2008 c).

Segundo dados do MEC (SEED/MEC, 2008 a), a TV tem sido considerada o meio de comunicação mais utilizado pelas pessoas, principalmente pelas crianças e adolescentes, por isso deve ser usada na escola como instrumento de apoio para os educadores em sala de aula e, também, como objeto de estudo.

No entanto, não é o que está acontecendo hoje. “A exploração comercial, a propaganda e a mídia em geral têm feito um uso abusivo da sexualidade, impondo valores discutíveis e transformando-a em objeto de consumo”. (BRASIL, 2000).

Presume-se, então, que a conscientização dos pais e alunos a respeito das consequências que a mídia está trazendo para o desenvolvimento da infância e da sexualidade não está ocorrendo no ambiente escolar. Coloca-se, ainda, a necessidade dos educadores começarem a explorar as tecnologias que tem disponível na escola, integrando-as em suas atividades de sala de aula para enriquecer o processo didático e reflexivo que gera autonomia pessoal (PRATA, 2002, apud SEED/MEC, 2008 c).

Outro fator de extrema importância é a respeito da formação continuada dos docentes que deve abordar essa temática, pois faltam profissionais capacitados nas escolas para atuarem de forma criteriosa e significativa na sexualidade dos alunos (WEREBE, 1998). Enquanto isso não acontece, a mídia televisiva cumpre seu papel, influenciando e manipulando as crianças de forma negativa. Em

consequência da mesma, as pessoas acabam não se tornando sujeito de suas próprias histórias e sim meros reprodutores manipulados pela mídia.

## 6 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida dentro de uma perspectiva qualitativa para poder realizar a análise do problema em uma perspectiva social e histórica. Nesse sentido,

[...] a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. O conhecimento não se restringe a um rol dados isolados, ligados apenas por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, 1998, p.79)

Em decorrência dos objetivos propostos, este estudo caracteriza-se como sendo do tipo exploratório-descritivo.

Segundo Gil (2006), a pesquisa exploratória tem a intencionalidade de proporcionar maior familiaridade ao pesquisador com a situação problema, tornando-a mais explícita. O estudo exploratório geralmente envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema em estudo e análises que estimulem compreensão. Já a pesquisa descritiva é aquela que têm como objetivo principal a circunscrição de características de determinado fenômeno, população, realidade ou ainda o estabelecimento de relações entre variáveis. Para o autor

São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título, uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. (GIL, 2006, p.42)

Foram utilizados, no desenvolvimento da pesquisa, procedimentos técnicos bibliográficos e pesquisa de campo. Para Ruiz (2006), a pesquisa de campo parte de uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto em questão, o que informará quais os estudos já foram realizados e as opiniões reinantes para confrontá-los com os dados coletados em um dado contexto numa posterior análise.

Primeiramente realizou-se um levantamento bibliográfico para identificação do material já elaborado sobre o assunto como livros e artigos. Em continuidade selecionou-se como campo de estudo duas escolas, uma da rede pública municipal de Criciúma e outra da rede privada, com o intuito de verificar se

há diferenças entre os dados apresentados pelas duas realidades investigadas, pois a primeira atende crianças da classe popular e a segunda crianças da classe média alta.

Os sujeitos envolvidos na entrevista foram dois pais de alunos de cinco anos da educação infantil de ambas as escolas. Foram entrevistados no total quatro pais. A seleção dos pais ocorreu por indicação dos diretores de cada escola envolvida e em função de estarem sempre presentes e abertos para colaborar com as atividades escolares, o que facilitaria o contato e envolvimento dos mesmos nesse estudo. Não se envolveu um número maior de pais devido a dificuldade de acesso aos mesmos e ao pouco tempo de que se dispunha para realização da coleta de dados.

Para coleta de dados utilizou-se a técnica de entrevista semi-estruturada, uma vez que apresentou-se um roteiro pré-definido de questões, mas que permanecia em aberto a novos questionamentos, a fim de que fosse possível realizar o aprofundamento e melhor compreensão do tema a ser investigado.

De acordo com Lakatos ; Marconi (1996, p.32), o objetivo da entrevista é uma melhor compreensão das perspectivas e experiências dos entrevistados e, quando ela é semi-estruturada, o entrevistador tem a liberdade de desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada, podendo, assim, explorar mais a questão discutida.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e tabuladas para a realização da análise dos dados frente ao referencial teórico proposto.

Para garantia do sigilo dos informantes, os pais da escola infantil da rede pública serão denominados ao longo do trabalho como 1-a e 1-b e os pais da escola privada como 1-b e 2-b.

Os pais participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Informado (anexo) para que suas respostas sejam utilizadas no desvelar do problema.

## **7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

Apresenta-se, a seguir, a tabulação e análise das informações coletadas por meio de entrevista semi-estruturada junto aos pais de alunos de cinco anos da Educação Infantil, sendo dois pais da rede pública municipal e dois da rede privada de Criciúma.

Foram entrevistadas quatro mães do sexo feminino, com idade média entre vinte e cinco e quarenta anos idade, duas das mães residem em bairro residencial de classe média (1-a e 2-a), e as mães (1-b e 2b) residem em bairro de classe trabalhadora e quanto a formações e respectivos trabalhos todas preferiram privá-los. As crianças entrevistadas são duas do sexo feminino filhas das mães( 1-b e 2-b), sendo os outros dois do sexo masculino das mães (1-a e 2-a).

Não se teve a preocupação de seguir o roteiro da entrevista semi-estruturada na organização e apresentação dos dados, ou seja, os dados foram agrupadas por semelhança em função do assunto envolvido nas respostas. Tal organização foi elaborada com a finalidade de facilitar a análise das informações e o apontamento das posteriores conclusões. (MINAYO, 2004). Tabulou-se os dados, portanto, em dez categorias de análise, dos quais passa-se a discorrer.

### **7.1 Percepção a cerca do comportamento da criança**

O pai 1-a relatou que seu filho tem um comportamento tranquilo, apesar de gostar de diversas brincadeiras, o mesmo coloca que seu filho é um investigador, adora pesquisar e descobrir algo novo. “Meu filho é uma criança tranquila, apesar de gostar bastante de brincadeiras de movimento, eu acho ele muito curioso, qualquer coisa desperta a curiosidade dele. Eu sinto que ele tem uma veia de pesquisar o conhecimento por que tudo que ele percebe ou que ele vê o que ele sente ele quer saber o por que.” O pai 2-a considera-o um menino muito adiantado pra idade dele, sempre querendo saber mais, além de ser muito esperto. O pai 1-b relatou que seu filho é uma criança calma e gosta muito de ler livros infantis e brincar de vídeo game, se interessa em investigar palavras novas que surgem no seu cotidiano. Os pais 1-b e 2-b relataram que o comportamento de seus filhos são aparentemente normal para crianças de cinco anos de idade. O pai 1-b cita que “O comportamento

é normal de uma criança de 5 anos. Com suas travessuras, teimosias, medos, dúvidas, curiosidades e descobertas.”

O que pode se perceber é que, como a pesquisa foi feita com duas escolas da rede, sendo uma pública e outra particular, fica evidente que não são as mesmas realidades, percebe-se nitidamente a diferença de opinião sobre o comportamento dos filhos, enquanto os da escola particular detalham com segurança a resposta a apresentam seus filhos em uma perspectiva de calma e normalidade os da pública apresentam-se mais inseguros e tentam justificar a conduta de seus filhos nas suas respostas. Tal fato identifica-se na posição dos pais 1-a e 2-a em relação a criança ser mais esperta que o normal para uma criança da idade deles. Será o estímulo maior em função de atividades diversificadas na escola ou em casa? Com certeza, são inúmeras as oportunidades que as crianças tem frente essa veia aguçada para investigar o novo.

## **7.2 Entendimento de mídia**

O pai 1-a cita que “Mídia são os meios de comunicação em geral, é o global, que se expressa através de vários meios como a TV, radio, internet, jornal, enfim, para mim, mídia é usado para entrar na casa das famílias com diferentes formas de expressão e comunicação, é isso”. O pai 2-a disse que é “todo meio de comunicação”, salientando ainda que existem vários tipos de mídia. Os pais, 1-b e 2-b concordam quando dizem que a mídia é tudo aquilo que traz uma mensagem ou informação.

Pode-se perceber que todos os pais apresentaram um conceito de mídia. Entretanto, a ideia expressa pelo pai 1-a é que está mais de acordo com os dados do MEC(SEED/MEC, 2008) ao afirmar que o termo mídia é usado para referenciar um vasto e complexo sistema de expressão e de comunicação, sendo que existem tipos diferentes de mídia.

## **7.3 O conceito de televisão**

O pai 1-a coloca em primeiro lugar como é vista a televisão em sua casa, dizendo “não temos hábito em assistir televisão, mas as crianças ocupam maior tempo em frente delas quanto estão em suas horas de lazer.” O pai 1-a ainda diz

que “televisão é um meio de comunicação e que existem dois tipos os canais abertos que tem uma deficiência enorme em conteúdo e canais fechados com muitas opções para selecionar o que se quer assistir.” O pai 2-a relata que esse meio de comunicação influencia no pensamento das pessoas, segundo ela, as vezes “nem paramos para pensar no que estamos assistindo na televisão”. Os pais 1-b e 2-b destacam que a televisão é um entretenimento nas horas de lazer, mas que se deve tomar muito cuidado com ela, para que a mesma não tome o espaço do diálogo da família. O pai 1-b cita “Acho a televisão uma ferramenta boa, porém devemos relacionar o que os nossos filhos devem assistir, pois a televisão influencia muito no comportamento.”

Os pais no geral entendem que televisão é um meio de comunicação. Nota-se, ainda, que prevalece por parte dos entrevistados uma concepção negativa com relação a mídia televisiva, os mesmos salientam que esta exerce muita influência na vida das crianças, sendo comparada até mesmo como deficiência de conteúdo, como destaca o pai 1-a. O mesmo também expressa que existem dois tipos de sinais, citando o canal aberto e o canal fechado, confirmando a posição de Valim; Costa; Fiordeliso (1988) que alertam para a diferença entre canal aberto e fechado, sendo que a TV aberta não se paga e já a TV a cabo tem uma mensalidade mensalmente e uma possibilidade maior de seleção de programas.

#### **7.4 Administrando os acessos aos programas**

O pai 1-a relatou que procura limitar, pois se deixar a livre escolha dele, ele assiste TV ou joga videogame ou joga na internet o dia inteiro. Segundo o pai 1-a, “Aqui em casa nós temos regras, criadas por nós e inclusive ele participou da formação dessas regras. Sendo assim tem horários tanto para assistir TV, jogar videogame, brincar no computador”. De acordo com a entrevistada o menino tem um dia bem corrido, com bastante atividade diversificada, na verdade não sobra muito tempo pra ele brincar o tempo todo, mas quando ele pode, a mesma também deixa, “eu acho que é uma atividade de lazer”.

Os pais 1-b, 2-a e 2-b destacaram a importância do diálogo, substituindo os programas que não são da faixa etária deles por dvs infantis, ou outras atividades como brincadeiras. O pai 2-a cita: “Administro com meu filho que não pode assistir

filmes que não seja indicado para sua idade, oriento para que não assista desenhos que mostre muita violência, valorizando sempre o diálogo.

Nota-se que, para os entrevistados no geral, tem uma grande preocupação e controle sobre os acessos de seus filhos em relação aos programas selecionados, mas sem proibir o acesso. Entretanto, vale ressaltar que a TV pode ser um poderoso instrumento formativo, tanto na família como na escola, dependendo de como será estabelecido os processos mediáticos durante o uso do instrumento.

## **7.5 Comportamento infantil e televisão**

O pai 1-a relatou que as crianças são extremamente influenciadas pela televisão tanto na forma de consumo desenfreado, querendo todos os brinquedos, quanto na repetição de determinados programas assistidos pelos mesmos. Segundo o pai 1-a mesmo diz: “as crianças são vítimas por serem influenciadas pela televisão nas escolhas de brinquedos e produtos responsáveis pelos comerciais”.

Os pais 1-b, 2-a e 2-b mencionam, ainda, que tem programas que influenciam de forma negativa, como desenhos violentos que mostram golpes, etc...O pai 2-b cita “As crianças passam a imitar os ditos heróis e as brincadeiras entre elas tornam-se violentas.”

A posição adotada por todos os pais esta de acordo com os dados da autora CAPIOTTI (2006), onde a mesma destaca um papel influenciador da televisão no comportamento e vida pessoas.

## **7.6 Definição de sexualidade**

Para o pai 1-a a sexualidade “é uma forma de definir gêneros”. Os pais 1-b, 2-a e 2-b relatam que sexualidade está relacionada ao conhecimento que a pessoa tem de si, eles reforçam, também, que a sexualidade diz respeito a criança estar se descobrindo e descobrindo-se na relação com o outro.

Percebe-se que os pais 1-b, 2-a e 2-b foram os que mais se aproximaram do entendimento de sexualidade defendido pelas diretrizes nacionais, onde a sexualidade tem suas raízes no dado biológico, porém seu significado é muito mais amplo, pois envolve o contato, a intimidade, o respeito, o auto conhecimento, valores



e a busca pelo prazer com seu próprio corpo e também com seu par, envolvendo, assim, comportamentos, emoções, sensações e sentimentos.

### **7.7 Sexualidade e comportamento dos filhos**

O pai 1-b relatou que percebe diretamente a formação da sexualidade de seu filho quando o mesmo começa a perguntar sobre a diferença de gênero menino e menina. Ressalta, ainda, que “faz comparações entre o corpo dela e o meu, pai, irmãos, demonstra interesse em relação as diferenças existentes”.

Os pais 1-a, 2-a e 2-b mencionaram que o prazer está presente na vida das crianças mudando muitas vezes o comportamento dos seus filhos, sendo que cada criança expressa de uma forma diferente sua descoberta pelo mesmo. Nesta fase os pais colocam que os meninos não gostam de se misturar com as meninas e as meninas não gostam de se misturar com os meninos. O pai 1-a menciona que sua filha adora se maquiar que nem ela.

Os pais 1-a, 2-a e 2-b, ao relatarem que os meninos não gostam de se misturar com as meninas nesta fase, estão relatando características próprias da fase da latência proposta por Freud (Bee, 2003). Nessa fase é normal as crianças terem mais interação com indivíduos do mesmo sexo que o seu. Salienta-se, ainda, o processo de imitação, como o uso da maquiagem no caso das meninas, que é um momento em que a criança testa situações do mundo adulto real para formar sua identidade.

A posição do pai 1-b permite inferir que percebe a formação da sexualidade como um processo natural e em continuo desenvolvimento.

### **7.8 Sexualidade infantil e mídia televisiva**

Para o pai 2-b a “televisão vive explorando a sexualidade”. Para o pai 1-a a TV “transmite conhecimentos de forma positiva e de forma negativa também”. Os pais 1-b e 2-a mencionam que a televisão “mostra muitas coisas que não devem mostrar”, salientando que a mesma ajuda a despertar mais cedo a sexualidade infantil, mas, ao mesmo tempo, a TV também informa, sendo que os assuntos sexualidade e sexo são comuns no dia de hoje.

Percebe-se que todos os entrevistados entendem que a relação televisão e sexualidade infantil não tem sido das melhores, pois a TV estaria influenciando de uma forma negativa a sexualidade das crianças, a ponto de antecipar a formação da sexualidade. O que se percebe é que a mídia televisiva tem critérios em sua programação que não condiz com os princípios da escola e da sociedade como um todo, tornando todas as informações acessíveis para todos sem medir as consequências. Por outro lado surgem aspectos positivos com relação a televisão, por contribuir para informar as pessoas. Entretanto, conforme Giddens (2001), é importante destacar que, para que o aspecto negativo não se estabeleça, é preciso um olhar crítico e reflexivo por parte do telespectador, que deve filtrar as informações recebidas e, no caso das crianças, isso depende de como os adultos (pais e educadores) irão interferir e mediar o processo, orientando e alertando para os perigos, bem como estabelecendo limites e processos reflexivos sobre o que é ofertado pela mídia.

## **7.9 Sexualidade no cotidiano familiar**

O pai 1-a relatou que tem um diálogo aberto com seu filho, coloca que não existe tabu em casa com relação a sexualidade. O pai 2-a se expressou da seguinte forma: “ Sempre converso e respondo as suas perguntas. É claro tendo o cuidado de não ir além do que ele não possa entender”. Os pais 1-b, 2-a e 2-b salientam que falam do assunto quando sentem que não avançam o sinal, conversam apenas se as crianças perguntarem a respeito. Mas não aprofundam o assunto ou, as vezes, fingem que não escutam, pois acreditam que seja normal essa curiosidade a respeito, mas acabam não esclarecendo.

Nota-se que para os entrevistados 1-b, 2-a e 2-b, que dizem agir normal perante a sexualidade, o assunto ainda é considerado um tabu. As pessoas ainda trazem consigo muitos preconceitos, a ponto de ignorar ou até não querer perceber essas manifestações. Isso faz com que dificulte o diálogo sobre o assunto em casa e pode contribuir para uma formação preconceituosa da criança.

O entrevistado 1-a relata claramente que não encontra dificuldades em conversar sobre sexualidade com seu filho, pois lida com muita naturalidade. Dessa forma, deixou transparecer que a forma como é dialogado este assunto esta relacionado ao ato de mediar que mencionou-se no referencial teórico.

### 7.10 Mídia televisiva, sexualidade e escola

O pai 1-a coloca a importância de estabelecer limites e delimitar o acesso perante aos programas que as crianças assistem, para que cada programa seja recomendado a sua faixa etária, não constrangendo eles mesmos em função do que as crianças veem, sempre selecionando programas sadios. A escola tem que estar em pleno diálogo, tanto com os alunos quanto com a família, devendo ser algo integrado para um ótimo desenvolvimento natural da criança. A entrevistada 1-a ainda relata que os professores deveriam trazer assuntos ou temas que passam na televisão para fazer as crianças pensarem a respeito do que eles estão vendo para, também, trabalhar valores e a construção de opinião justificada sobre o que acham, se é bom para seu futuro ou não. Os pais 1-b, 2-a e 2-b relataram que a televisão é muito mais atrativa que a escola, pois a escola, muitas vezes, não muda, é sempre a mesma coisa, ao contrário da televisão que esta em constante transformação, gerando novidades e estímulos, sejam eles bons ou ruins. Quanto a escola, os entrevistados relataram que não há esse tipo de mediação entre a TV e a escola e que seria necessário que os professores fossem preparados com mais cursos com relação a essa temática.

Infelizmente, para os entrevistados 1-b, 2-a e 2-b a escola ainda está resistente à mudança, deixando, assim, espaço livre para a televisão ser muito mais atrativa e atraente aos olhos de quem vê, principalmente o público infantil.

Contraditoriamente, os PCNs (BRASIL, 2000) salientam a importância de trabalhar a sexualidade como tema transversal, ou seja, não se limitando somente a uma determinada área do conhecimento, sendo assim, é lamentável ouvir a fala dos entrevistados 1-b, 2-a e 2-b quando dizem “televisão é muito mais atrativa que a escola”. Cabe dizer que, muitas vezes, a escola se limita somente a determinado conhecimento acadêmico, não tendo coerência com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Para reforçar o compromisso que a escola deve ter diante desse assunto, destaca-se a fala de Ramiro; Matos (2008) ao afirmarem que a sexualidade, nas escolas, se tornou obrigatória desde 1986. Portanto é dever dos docentes focar a temática em sua prática pedagógica.

A fala da entrevistada 1-a diz respeito a uma prática pedagógica mediatizada, pois ela deixa afirmar que os professores devem utilizar a TV como um

instrumento que traz muitas mensagens para sala de aula, sendo um meio de comunicação e de auxílio para a escola, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de um olhar crítico e reflexivo por parte das crianças que pensam a respeito do que vêem, pois, dessa forma, poderão adquirir autonomia para discutir sobre os valores que a sociedade propaga, podendo escolher os que são mais significativos para suas vidas.

A escolha do instrumento de coleta de dados utilizado (entrevista semi-estruturada) viabilizou a coleta e análise dos dados com base no referencial elaborado dos quais passamos agora ao apontamento das possíveis conclusões deste estudo.

## 8 CONCLUSÃO

Sabe-se que, segundo Freud (apud BEE, 2003), a criança de 6 anos entra no período de latência, mas esta pode iniciar-se já aos 5 anos de idade, por isso é considerado o momento ideal para a aprendizagem, por ser uma fase de calma, o que é positivo para a escola.

Entretanto, nossa sociedade está vivendo muitas transformações, principalmente em função da tecnologia, que faz com que as crianças já nasçam tendo acesso a um vasto campo de imagens e informações, podendo haver uma aceleração na formação da sexualidade infantil.

Esta pesquisa teve como propósito ir ao ambiente familiar de alunos da educação infantil para saber o que os pais pensam sobre televisão e se os mesmos percebem sua influência na formação da sexualidade de seus filhos de cinco anos.

Analisando o conceito de mídia dos entrevistados percebe-se, no geral, um conhecimento prévio muito bem elaborado do assunto, pois todos expressaram, de forma clara e sucinta, que a mídia é representada por todo recurso que transmita uma informação.

Ao conceituar mídia televisiva, a maior parte dos entrevistados soube situá-la de acordo com o referencial proposto, mencionando a forte influência que a TV exerce na vida das crianças, motivo pelo qual consideram que seu acesso deva ser controlado.

No entanto, a maioria dos entrevistados deixou a desejar ao conceituar sexualidade, pois apresentaram uma visão limitada com relação ao assunto. Apenas um entrevistado conseguiu se aproximar de um entendimento da sexualidade mais completo, percebendo-a como resultante de um processo cultural e histórico. Dentre os quatro pais entrevistados, somente um pai demonstrou lidar de uma forma natural, sem criar tabu, já os outros pais deixaram a entender na sua fala a existência de dificuldades em conversar com seus filhos sobre esse assunto. Identificou-se que a sexualidade ainda é vista como um tabu, mesmo vivendo na era da informação.

Identificou-se, ainda, que todos pais percebem existir influência da televisão na formação da sexualidade infantil de forma negativa, pois a mídia televisiva não mede esforços para tirar proveito da sexualidade em prol do consumo. Como consequência, põe em risco não só a formação da sexualidade, mas também

a própria condição de criança e infância, pois o mundo infantil está se misturando novamente ao mundo adulto, corroborando com a posição de Urbim (2009).

Percebe-se que os pais já incorporaram o universo tecnológico e das relações sociais e culturais, pois, apesar de considerarem a necessidade de controle, consideram perfeitamente normal o acesso direto de seus filhos com a mídia. Em nenhum momento colocam a diferença da infância que eles tiveram com a atual infância de seus filhos, demonstrando o poder da mídia de incutir nas pessoas necessidades e valores.

Levantou-se que a maioria dos entrevistados reconhecem a necessidade e importância dos cursos de formação para os educadores, a fim de que esses estejam mais preparados para atuar com relação ao tema mídia e sexualidade. Surge, então, o indicativo de que os professores não estejam bem preparados para lidar com essa temática, mas essa questão necessitaria de uma nova pesquisa para ser confirmada ou refutada. Entretanto, pode-se afirmar, desde já, que a formação continuada pode contribuir, mas o que se percebe é que a mudança não vem de fora, ela começa dentro de nós, enquanto educadores sexuados, que precisam antes de tudo se conhecer para depois fazer com que o outro se conheça.

Para que haja mudanças significativas, tanto no ambiente escolar, quanto na sociedade como um todo, torna-se necessário não apenas a prática de cursos de formação para educadores, mas o envolvimento crítico e reflexivo da comunidade em relação a influência da mídia no desenvolvimento da sexualidade e, para isso, é de suma importância que a escola saiba fazer uso da TV como instrumento de trabalho e não como meio autônomo de informações.

A escola também precisa se abrir para novas informações e inovações tecnológicas, não deixando se levar pelo comodismo e tão pouco pela falsa modernidade. Para tanto, precisa acompanhar, juntamente com os pais, a realidade das crianças e não a criança se submeter a realidade da escola.

Deseja-se que este trabalho não fique limitado somente em responder ao problema proposto, mas também instigar a curiosidade sobre outros aspectos que envolvam a temática abordada.

Portanto, indico para pesquisas futuras essas informações: confrontar o que os pais dizem, com o que os filhos relatam; identificar como foi a formação dos pais envolvendo o tema sexualidade e onde ocorreu e como se relaciona com a estrutura para seus filhos; verificar se há uma massificação dos objetos de consumo

e dos processos de erotização vinculados àqueles objetos e, por fim, identificar se o processo formativo do educador contempla informações necessárias para lidar com a temática em pauta.

Lembramos aos pais e educadores, que todos temos nosso papel de valor na formação da sexualidade infantil, podendo fazer a diferença na questão de limitar o acesso a mídia, enfrentando as novas tecnologias, desafiando a mesma, intercedendo na formação de crianças mais críticas e reflexivas, aliando-se quando necessário e fazendo com que as crianças questionem e não se tornem vítimas dessa mídia globalizada, que está dominando a sociedade, fazendo com que as pessoas se alienem e aceitem tudo que é posto para as mesmas.

Buscar a afetividade para realizar um trabalho em torno da temática mídia e sexualidade, desmistificando-a para atingir resultados positivos, afinal enquanto educadores não podemos estagnar no tempo, precisamos nos atualizar sempre, pois, querendo ou não, somos formadores de opiniões. Isso nos dá condições de lutar para reverter esse quadro em que a mídia tudo generaliza, colocando todos nós como iguais. Precisamos reverter esse índice de pessoas alienadas, temos que criar meios para incentivar as crianças a serem seres pensantes e críticos, para que, quando maiores, enfrentem a realidade de forma clara e justa, livre de preconceitos e tabus.

Muito mais importante do que concluir esta pesquisa, é a oportunidade de estar agregando novos conhecimentos, novos olhares, outras formas de pensar e, principalmente, a oportunidade de estar construindo outro olhar com relação ao significado da sexualidade e da mídia televisiva por perceber suas possibilidades em um dado contexto social, desde que criticamente e contextualmente apropriados.





## REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BEE, Hellen. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Referencial curricular nacional para educação infantil**: Conhecimento de Mundo. v 3. 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural: orientação sexual. 2. ed. Rio de Janeiro: 2000. v. 10, 164 p.

CAPIOTTI, Manuela Pereira. Mídia Televisiva: Como ela influência no comportamento das crianças? **Psicologia Brasil**. São Paulo, v. 4, n.29, p. 38-40, mar./2006.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Trad. Alexandra Figueiredo, Ana Patrícia Duarte Baltazar, Catarina Lorga da Silva, Patrícia Matos e Vasco Gil. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTGNAGO, Karen Cristine. **Mídia televisiva e educação**: Algumas reflexões. 2007. 53 f. TCC ( Graduação em Pedagogia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

OLVIEIRA, Priscila Scheineder de. **Infância e cultura**: A mídia televisiva na vida de crianças, 2009. 52 f. TCC ( Graduação em Pedagogia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Natural versus social: a historicidade da Infância. In: \_\_\_\_\_ **Imagens da infância no Brasil**: Crianças e infantes no Rio de Janeiro imperial. (Dissertação de mestrado), UFSCAR, São Carlos, 1992. p. 17-34.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Trad. Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RAMIRO, Lúcia; MATOS, Margarida de. Percepções de professores portugueses sobre educação sexual: Percepciones portuguesas sobre educación sexual. **Revista de saúde pública** – Journal Of Public Health. São Paulo, v.42, n.4, p. 684 – 692. Ago./2008.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação Ciência e Tecnologia. **Proposta curricular de Santa Catarina**: Estudos temáticos, Florianópolis: IOESC, 2005.

SANTA CATARINA. **Proposta curricular de Santa Catarina – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio**: Temas Multidisciplinares. Florianópolis: COGEN, 1998. 120 p.

SEED/MEC. Programa de Formação Continuada Mídias na Educação. Mídias na Educação. Brasília: Eproinfo/Mec. Módulo Introdutório Integração de Mídias na Educação. CD. 2008 a.

SEED/MEC. Programa de formação continuada Mídias na Educação. Mídias na Educação. Brasília: Eproinfo/MEC. Módulo Básico TV e Vídeo. CD. 2008 b.

SEED/MEC. Programa de formação continuada Mídias na Educação. Mídias na Educação. Brasília: Eproinfo/MEC. Módulo Gestão Integrada de Mídias. CD. 2008 c.

STRAUBHAAR, Joseph; LAROSE, Robert. **Comunicação, mídia e tecnologia**. Trad. José Antonio Lacerda Duarte; Ver. Técnica Luiz Guilherme Duarte. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

TAHARA. Mizuo. **Mídia**. 8. ed. São Paulo: Global, 2004, 123p.

URBIM, Emiliano. O fim da infância. **Revista Super Interessante**, São Paulo, n. 268, p. 65-69, ago. /2009.

VALIM, Mauricio; COSTA, Soraya; FIORDELISIO, Renata. **Televisão – Tudo sobre TV – História da Televisão no Brasil**. 1998. Disponível em: <http://www.tudosobretv.com.br/histortv/historbr.htm> Acesso em 20 de fevereiro de 2011.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998. 217 p.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário ediouro da lingua portuguesa**. 2. ed. Reformada, São Paulo: Ediouro, 2000.

## **APÊNDICE**

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE-UNESC**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ROTEIRO DA ENTREVISTA**

1. Como você descreveria o comportamento de seu filho ou (a) filha?
2. O que é para você mídia?
3. O que você pensa sobre a televisão?
4. Quais os programas que seus filhos assistem na TV?
5. Você já estabeleceu algum tipo de acordo com seu filho ou (a) para orientar o acesso aos programas de TV?
6. Você percebe mudança no comportamento das crianças devido a influência da televisão?
7. O que é para você sexualidade?
8. Você consegue perceber a formação da sexualidade no comportamento de seu filho ou (a)? De que forma?
9. Para você, a TV influencia o desenvolvimento da sexualidade das crianças? Caso afirmativo, diga como?
10. Você tem dificuldade em conversar com seu filho ou (a) filha sobre sexualidade? Comente sua resposta.
11. Como você avalia a relação TV, sexualidade e escola?
12. Em sua opinião, o que poderia ser feito para que os pais pudessem lidar melhor com a questão mídia televisiva e sexualidade infantil?
13. Quais sugestões você daria para a escola com relação ao assunto mídia televisiva e sexualidade infantil?



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**  
**DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Sob o título “ Mídia e Sexualidade na Educação Infantil será elaborado o Trabalho de Conclusão de Curso a partir de questionário a pais de Escola Municipal e Privada de Criciúma, localizada no município de Criciúma, para analisar se estes sujeitos (pais) consideram que a Mídia tem influência no desenvolvimento da sexualidade de criança de 5 anos.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do questionário manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

A pesquisadora responsável pela pesquisa é a acadêmica Vanessa Matias. Os envolvidos se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (048) 96339608.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu \_\_\_\_\_, Identidade n.º \_\_\_\_\_,

\_\_\_\_\_ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e respostas para a pesquisa realizada no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), desenvolvida pela acadêmica Vanessa Matias, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo desta acadêmica da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

( ) Solicito que seja resguardada minha identificação \_\_\_\_\_.

( ) Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida \_\_\_\_\_.

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Criciúma, ..... de ..... 2010.

\_\_\_\_\_  
 Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
 Pesquisadora

Vanessa Matias  
 Acadêmica da 8ª fase do curso de Pedagogia - UNESC  
 Fones: (48)96339608  
 Email: [yha\\_linda@hotmail.com](mailto:yha_linda@hotmail.com)

